

## O CADERNO ESCOLAR COMO UM OBJETO MATERIAL<sup>1</sup>

### THE EXERCISE BOOK AS A MATERIAL OBJECT

Juri Meda<sup>2</sup>

ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0003-0054-3622>

Devemos considerar o caderno como um mero artigo de papelaria ou como um produto editorial completo com um *status* específico próprio? Esta questão aparentemente simples foi projetada para chamar a atenção dos estudiosos para um ponto de importância crucial na definição do estatuto epistemológico do caderno como fonte histórica, algo que praticamente ninguém havia abordado antes. Especialmente se considerarmos que - após conduzir algumas pesquisas preliminares nos arquivos históricos de certos fabricantes de cadernos tradicionais e fabricantes de outros tipos de material didático (com Cartiere Paolo Pigna, de Alzano Lombarda, encabeçando a lista) - a definição de produto editorial que usei em referência ao caderno pela primeira vez em um seminário intitulado "Cadernos Escolares, uma fonte para a História da Educação" realizado em Brescia em outubro de 2005, não pareceu mais ser totalmente eficaz.

Essa definição foi baseada em uma análise do produto e não em seu processo de fabricação. À medida que gradualmente começamos a compreender melhor a complexidade dos mecanismos subjacentes à fabricação, *layout* e distribuição de cadernos escolares, ficamos convencidos de que, embora fossem mais do que meros *artigos de papelaria*, ao mesmo tempo não eram *produtos editoriais de pleno direito*.

Isso se deve ao fato de que o caderno se tornou ao longo do tempo em algo mais do que um mero apoio à escrita, mas - apesar da adição, a partir de um determinado momento, de legendas curtas para fins educacionais e, posteriormente, para fins de propaganda - não podia ser considerado um produto editorial completo (como um livro, por exemplo) porque não tinha conteúdo, o conteúdo deveria ser adicionado por seus usuários finais, isto é, os próprios alunos. Por ser uma ferramenta de educação de massa, o caderno não podia atuar como um veículo de

---

<sup>1</sup> Texto originalmente publicado, em inglês, na introdução do volume I da obra "School Exercise Books: a complex source for a history of the approach to schooling and education in the 19<sup>th</sup> and 20<sup>th</sup> centuries", organizada por Juri Meda, Davide Montino e Roberto Sani e publicada no ano 2010. Os organizadores da obra, dentre eles o autor deste texto, foram consultados e concordaram com a publicação da versão em português neste número temático. Para melhor adequação à proposta do número temático, na versão em português foram excluídos parágrafos e/ou frases que faziam referência exclusivamente ao seminário ou à organização dos anais do evento ao qual a obra está relacionada.

<sup>2</sup> Università degli Studi di Genova.

conteúdo em um determinado nível; no máximo, podia transmitir rudimentos elementares ou *slogans* de propaganda, conforme necessário. Para usar um dos termos favoritos de Davide Montino, ele se tornou um *recipiente para conteúdo* somente após seus usuários finais terem adicionado conteúdo a ele no decorrer de seu processo de aprendizagem na escola.

Com base nestas considerações, nos deparamos com a necessidade de adotar uma nova definição capaz de descrever o caderno em seus aspectos multifacetados. Foi justamente durante uma visita à linha de montagem da Cartiere Pigna em Alzano Lombarda, no coração palpitante da fábrica, diante de uma máquina que produz milhares de cadernos por hora, que percebi que o caderno só pode ser considerado um *produto industrial* voltado para o mercado educacional. De fato, levando também em consideração o que dissemos anteriormente sobre os objetivos relacionados à mídia que lhe são atribuídos hoje, o caderno é um *produto industrial para distribuição em massa*.

Como já tivemos ocasião de assinalar, na Itália - estou usando a situação de nosso próprio país porque não tenho materiais suficientes para relatar a situação em outros países - até por volta da segunda metade do século XIX, os cadernos não eram codificados de forma alguma em termos de aparência ou forma, nem tinham qualquer tipo de formato editorial. De fato, esse formato foi elaborado pelos professores ou pelos próprios alunos, dobrando folhas de papel ao meio e amarrando-as com um fio<sup>3</sup>. Isso, juntamente com a enorme variedade de diferentes métodos usados para ensinar a escrita, ajudou a gerar uma ampla e heterogênea gama de materiais, cujo uso estava geralmente confinado a um ambiente local muito restrito. Foi entre a primeira metade da década de 1880 e a primeira metade da década de 1890 que, após a promoção das primeiras campanhas nacionais contra o analfabetismo e o esforço cada vez mais sério sendo feito para implementar a frequência escolar obrigatória, que o caderno deixou de ser um acessório reservado aos "especialistas em escrita" (geralmente pertencentes às classes abastadas) e tornou-se um item de uso cotidiano, utilizado pelas crianças das classes mais baixas para praticar sua escrita. Em uma época em que um número crescente de indivíduos começava a escrever, tornou-se necessário fornecer-lhes uma quantidade cada vez maior de suportes de escrita de forma cada vez mais econômica.

---

<sup>3</sup> Nesse sentido, subscrevo o que Antonio Castillo Gómez disse sobre a necessidade de estender o tempo de pesquisa da escrita escolar para além do que foi chamado de "era do totalitarismo" (que se justifica pelo fato de os regimes totalitários compartilharem características distintivas semelhantes em diferentes países, dando assim aos autores uma plataforma comparativa sobre a qual basear sua própria análise interpretativa individual; tais características também foram exploradas com alguma profundidade do ponto de vista historiográfico), pois mesmo antes do advento do primeiro caderno - que começou a se espalhar como objeto comercial no final do século XIX - outros tipos de apoio haviam sediado esta forma de escrita, que precisa ser examinada durante um período de tempo mais longo.

Foi neste contexto de massificação gradual do consumo que o caderno "feito à mão" deu lugar ao caderno produzido em massa, fabricado inicialmente por pequenos artesãos locais que imprimiam os cadernos eles mesmos e depois os distribuía em suas próprias lojas. Mais tarde, grandes empresas industriais poderiam fabricar o papel, fazer quantidades consideráveis de caderno a baixo custo e depois distribuí-los em todo o país.

Assim, o caderno tornou-se um *item de consumo*: um resultado e ao mesmo tempo uma expressão do crescimento gradual do mercado educacional. Acreditamos que isso, juntamente com as outras considerações aqui expostas, pode ajudar a estender as perspectivas de pesquisa também a outros aspectos pouco explorados pelos historiadores da educação. Entre eles estão os processos econômicos desencadeados pela educação em massa, pois há muito tempo temos confinado nossos estudos à publicação escolar, negligenciando outros materiais (não apenas cadernos, mas também diários, álbuns, gráficos de parede, mapas e materiais didáticos de vários tipos) que têm contribuído para o desenvolvimento do mercado educacional, no qual - como Manica Galfré provou<sup>4</sup> - os interesses das empresas privadas se misturam com os do setor público ao ponto de acabarem tendo um grande impacto na política educacional.

---

<sup>4</sup> Cf. M. Galfré, *Il regime degli editori. Libri, scuola e fascismo*, Laterza, Rome-Bari 2005.